

Reflexões sobre a série “Em busca de Anselmo”: a trajetória de um traidor durante a ditadura civil-militar brasileira

Lívia Maria Albuquerque Couto¹

“Em Busca de Anselmo” (2022) é uma série em cinco episódios, que explora a ditadura civil-militar no Brasil, interligando trama pessoal e contexto político. A narrativa aborda a jornada de José Anselmo Santos^{II}, conhecido como Cabo Anselmo, oriundo de Itaporanga d’Ajuda – Sergipe, e trata sobre sua infiltração em grupos de esquerda durante o regime militar. Sua atuação resultou em delações que levaram à tortura e morte de muitos ativistas que se opunham ao regime. Assim, refletindo a complexidade humana e tecendo uma análise perspicaz das cicatrizes deixadas por este período na história do Brasil.

A série está disponível na plataforma HBO MAX, com direção habilidosa e roteiro meticuloso, a produção encontra maneiras de entrelaçar a busca pelo personagem central com as complexidades políticas da época. Ao longo dos cinco episódios, de cerca de uma hora, somos apresentados a Anselmo, um jovem que “desapareceu” misteriosamente durante o regime ditatorial, já que teve seus documentos apreendidos e, posteriormente, passou a trabalhar em prol do regime ditatorial, assumindo outras identidades.

A princípio Anselmo é retratado como um jovem idealista que se juntou ao movimento de esquerda e, foi líder durante a Revolta dos Marinheiros, na luta contra o regime opressor. Sua determinação e fervor ideológico inspiraram não apenas seus companheiros, mas também os espectadores. No entanto, a revelação de sua traição abala profundamente essa imagem idealizada nos primeiros episódios, levantando questões sobre a integridade e a verdadeira natureza de suas motivações.

A série não hesita em abordar assuntos delicados relacionados à ditadura, mesclando depoimentos de pessoas que conviveram com ele e faziam parte dos movimentos de esquerda, como, por exemplo, VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), ALN (Aliança Nacional Libertadora), MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro). Através de cenas marcantes, vemos personagens enfrentando dilemas morais quando confrontados com escolhas impossíveis sob a opressão governamental. Isso nos remete a autores brasileiros que exploraram a mesma temática, como Milton Hatoum em “Dois Irmãos”, onde a ditadura serve como pano de fundo para os conflitos familiares e pessoais e Bernardo Kucinski em “K.”, em que o autor combina ficção e realidade para retratar o período de repressão militar.

É importante ressaltar que o período da ditadura, de 1964 a 1985, foi marcado pela supressão de direitos civis, censura, perseguição política e violações dos direitos humanos. O golpe de 1964 depôs o presidente democraticamente eleito João Goulart e instaurou um regime autoritário apoiado por setores civis e militares. Diversos historiadores analisaram e interpretaram esse período controverso da história brasileira. Um deles é Daniel Aarão Reis, que abordou o golpe e a ditadura em seu livro “Ditadura e Democracia no Brasil” (2000), no qual ressaltou que o golpe não foi apenas uma ação militar, mas uma aliança entre forças civis e militares que objetivavam frear reformas sociais e políticas defendidas por setores progressistas. Outro historiador importante é Boris Fausto, autor de “História do Brasil” (1995), que explorou a natureza do regime ditatorial e sua relação com a sociedade, destacando como o regime se sustentou ao longo dos anos, consolidando um sistema repressivo e censório que limitava a liberdade de expressão e oposição. Esses historiadores fornecem perspectivas

REFLEXÕES SOBRE A SÉRIE “EM BUSCA DE ANSELMO”: A TRAJETÓRIA DE UM TRAIADOR DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

COUTO, L. M. A.

valiosas sobre o período, permitindo uma compreensão mais profunda dos eventos e das consequências para a da história do país.

Enquanto os eventos históricos se desenrolam na série “Em Busca de Anselmo”, temos acesso a entrevistas com pessoas que viveram durante o período do regime ditatorial, incluindo ex-militantes e sobreviventes, que conferem autenticidade à narrativa. A série não se limita a uma representação linear dos eventos históricos. Um dos aspectos mais impactantes é como ela aborda a memória e a “verdade histórica”^{III}. Ao explorar as diferentes perspectivas dos personagens sobre os eventos passados, questiona a narrativa oficial imposta pelo regime imposto. Inclusive, mostrando depoimentos da Comissão Nacional da Verdade^{IV}, com ênfase em Pernambuco, local onde Anselmo causou o massacre, na Chacará São Bento, de ex-companheiros da resistência, Soledad Barret, Jarbas Marques, Eudaldo Gomes da Silva, Evaldo Luiz Ferreira de Souza, Pauline Reichsul e José Manoel da Silva^V, em 1973.

Ao mergulhar mais profundamente nos episódios, percebemos que a trama transcende a busca individual pelo personagem “desaparecido” e se expande para uma reflexão sobre as consequências mais amplas da ditadura civil-militar no Brasil. Outra característica notável da série é sua habilidade em capturar a atmosfera da época. Além disso, utiliza uma narrativa não linear, como já dito, para transmitir o impacto duradouro da ditadura nas vidas das pessoas, através de flashbacks intercalados, somos guiados através de diferentes períodos temporais, destacando as conexões entre passado e presente.

Enquanto somos envolvidos emocionalmente na jornada das famílias e dos sobreviventes à Anselmo, é ressaltada a importância da memória coletiva. Através de conexões com historiadores e jornalistas brasileiros, como por exemplo, Janaína Teles e Percival de Souza, a série nos lembra da importância de compreender o passado para construir um futuro mais justo e democrático. Ao fazer isso, ela se torna um testemunho da resistência humana e da busca pela verdade, mesmo nas entrelinhas da história.

O ponto principal e intrigante da série se trata da ambiguidade em torno do personagem central, cabo Anselmo. Embora a série explore as implicações políticas e emocionais da ditadura civil-militar, também nos força a confrontar a complexidade moral da traição desse personagem, uma escolha que reverberou através das vidas dos personagens. Quando questionado sobre suas atitudes ele respondeu que fez isso com o intuito de “contribuir para acabar com a luta armada” e “liberar a mim próprio e seguir a vida longe da violência”. No decorrer dos episódios percebemos as suas inconsistências e tentativas de deslegitimar os movimentos de esquerda no período do regime militar.

A traição de Anselmo, além de traumatizar seus companheiros de luta e amigos, provocou uma crise de confiança no próprio movimento de esquerda. Ao trazer essa deslealdade, a série nos convida a considerar as tensões entre o compromisso com uma causa e a autopreservação, já que ao ser questionado se houve arrependimento de entregar aquelas pessoas ao regime e saber que seriam torturadas e mortas, ele desdenha e diz que de qualquer maneira elas seriam pegas. Inclusive, destaca de forma positiva e enaltecedora a figura do ex-delegado do DOPS-SP, Sérgio Fleury, a quem prestou serviço por muitos anos.

Portanto, enquanto a série abraçou o contexto histórico da ditadura civil-militar, também criticou habilmente a traição de seu personagem central, desafiando as noções tradicionais de heroísmo e sacrifício. A série finaliza enfatizando que até o momento de sua produção não havia registros oficiais de quantas pessoas foram sequestradas, torturadas, assassinadas e desaparecidas em decorrência das delações do Cabo Anselmo, além dos seis militantes do massacre em Pernambuco.

Por fim, “Em Busca de Anselmo” emerge como uma narrativa multidimensional que vai além do entretenimento, criando uma ponte entre uma trajetória individual e as profundas marcas deixadas pela ditadura civil-militar no Brasil. Ao dialogar com historiadores e

REFLEXÕES SOBRE A SÉRIE “EM BUSCA DE ANSELMO”: A TRAJETÓRIA DE UM TRAIADOR DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

COUTO, L. M. A.

jornalistas que examinaram as realidades dessa época tenebrosa, a série nos instiga a refletir sobre a importância da arte na preservação da memória histórica e na compreensão das complexidades humanas. Em última análise, nos convida a olhar para trás, a fim de avançar com uma consciência mais profunda do passado e uma determinação renovada para um futuro mais justo e inclusivo.

Notas

^I Mestra em História (PROHIS/UFS). Integrante do Grupo de Pesquisa *Dominium*: estudos sobre sociedades senhoriais (CNPq/UFS). E-mail: couto.livia@gmail.com.

^{II} Morreu no dia 15 de março de 2022 na cidade de Jundiaí, no interior de São Paulo. Ele estava com 80 anos e faleceu devido a complicações causadas por cálculo renal.

^{III} A questão da “verdade histórica” é um tópico de debate constante entre historiadores, uma vez que a interpretação dos eventos passados muitas vezes é influenciada por diferentes perspectivas, vieses e fontes disponíveis. Hayden White, conhecido por suas reflexões sobre a natureza da narrativa histórica, cita que “o evento histórico é o que o historiador diz que é. E ele diz o que é para se enquadrar em um esquema narrativo que ele considera satisfatório para as suas próprias intenções e para as intenções do público ao qual a sua narração é endereçada” (WHITE, 1992, p. 25). Essa visão de White estimulou debates sobre a objetividade e a subjetividade na História, levando os historiadores a refletirem sobre como suas próprias perspectivas, valores e contexto influenciam a forma como eles interpretam e narram eventos passados.

^{IV} A Comissão Nacional da Verdade foi criada em 2011 com o objetivo de investigar violações de direitos humanos ocorridas durante o período da ditadura militar no Brasil. Sua principal função era reunir evidências, ouvir testemunhos e esclarecer casos de tortura, desaparecimentos forçados e outras violações cometidas pelo Estado durante esse período. O trabalho da comissão resultou em um relatório final publicado em 2014, que identificou responsáveis por violações dos direitos humanos e fez recomendações para evitar que tais abusos ocorressem no futuro, contudo até o momento, nenhum torturador ou assassino a serviço da repressão foi punido criminalmente. No entanto, Carlos Alberto Brilhante Ustra foi o único agente da repressão militar judicialmente declarado torturador.

^V Além de Soledad, os corpos de Evaldo e Eudaldo nunca foram encontrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Em Busca de Anselmo. Direção: Carlos Alberto Jr. Produção: WarnerMedia Latina America. Rio de Janeiro: Clariô Filmes, 2022. HBO MAX.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp, 1995.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

KUCINSKI, Bernardo. **K. Um relato de busca.** São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e Democracia no Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

WHITE, Hayden. **Meta-História: a imaginação do século XIX.** São Paulo: Edusp, 1992.